

BAIRRO DE SANTANA: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS NA APROPRIAÇÃO E PERCEPÇÃO DO ESPAÇO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS DE 1980 A 2010 *LIMA, Charles de¹; MAGALHÃES, Maria das Graças Sandiⁿ*

¹Escola Estadual João Cursino – Av. Engenheiro Francisco José Longo, 782 - Jardim São Dimas, São José dos Campos/Universidade do Vale do Paraíba - Univap - docente Faculdade da Terceira Idade, Praça Cândido Dias Castejón, 116 – Centro, São José dos Campos - SP.

ⁿ Faculdade Anhanguera de São José dos Campos, Avenida Dr. João Batista de Souza Soares, 4.121, Jardim Morumbi, São José dos Campos – SP, maria.sandi@anhanguera.com

Resumo – Este artigo investiga as relações entre espaço e memória em São José dos Campos, mais especificamente, o bairro de Santana. Diferenciando-se dos demais, o bairro não passou pelo processo de verticalização que afetou boa parte da cidade. O congelamento do seu núcleo poderia ser o responsável pela permanência de sociabilidades e usos do espaço que se distanciam do modelo de cidade mundial proposto como uma das representações para a São José dos Campos do século XX. Para a pesquisa de doutorado que será desenvolvida sobre esse tema empregar-se-á revisão bibliográfica; a consulta a documentos históricos, como o Almanach de São José dos Campos (1905). Além disso, para a análise das representações sobre a cidade e o bairro de Santana na última década, serão estudados artigos publicados pelo Jornal do Consumidor, distribuído pela Prefeitura Municipal.

Palavras-chave: Bairro de Santana; Percepção do Espaço; Memória joseense; Urbanismo; Ego história

Área do Conhecimento: Ciências Humanas – História e Urbanismo

Introdução

São José dos Campos é hoje uma cidade que se almeja cidade mundial (LIMA, MARQUES, 2012). Sua história seria típica de cidade do interior paulista, se não fosse pela sua particularidade vivenciada no chamado período sanatorial, o que trouxe a ela notoriedade em nível nacional na luta contra a tuberculose, nas primeiras décadas do século XX (ZANETTI 2008).

Nesse período, especificamente na década de 1930, a cidade cunhou em seu território a divisão entre sãos e doentes, divisão essa baseada no princípio da cidade racionalista, higienizada e que procurava, dessa forma, trazer o desejo de segurança, de estabilidade, afastando os doentes contagiosos do centro residencial e industrial (SOUSA, SOARES, 2002). O bairro de Santana estava localizado dentro da zona industrial, que permaneceu até os anos 1950, quando perde essa denominação devido à migração das indústrias para as margens da rodovia Presidente Dutra, descaracterizando assim sua condição industrial (ZANETTI, 2008).

Dessa forma, na atualidade, em Santana ainda permanecem características de cidade pequena do interior, de povo tranquilo. Como morador do bairro na infância, em minhas recordações, na década de 1980, o sino da igreja era o ponto de referência para o começo ou término da missa, quando os feirantes se organizavam em função dos horários de maior pico, onde o pipoqueiro, no átrio da praça, já esquentava o óleo e os ambulantes com seus algodões doces e balões buscavam o melhor ângulo para que as crianças pudessem avistá-los, ou mesmo os mendigos, em busca de um pão com manteiga ou um trocado para a bebida estendiam suas mãos nas escadas da igreja.

A igreja, como outrora, ainda representava em 1980 o principal símbolo de autoridade do bairro e sua imponente estrutura reafirmava seu poder nas ruas replicando seus gestos. Até hoje, a inexistência de prédios ao seu redor dá a ela uma visibilidade, condicionando assim os moradores e fiéis a tê-la como referência arquitetônica e religiosa.

Embora o projeto de pesquisa que é objeto desse artigo não tenha como intuito analisar o papel da igreja na construção de uma sociedade, Elias (1990) nos aponta a moral como um dos pilares para esse constructo.

A igreja faz parte dessa área do bairro e produz o “congelamento” de seu núcleo. Pode-se aventar o preço pago por resistir às intempéries dos fenômenos pós-moderno. Entretanto, o que podemos afirmar é que é diferente de outros bairros, nos quais são constantes as pressões por parte do setor imobiliário em verticalizar seus espaços.

Metodologia

Para a pesquisa que será desenvolvida sobre esse tema empregar-se-á revisão bibliográfica; a consulta a documentos históricos, como o Almanach de São José dos Campos (1905; 1922 e 1934). Além disso, para a análise das representações sobre a cidade e o bairro de Santana na última década, serão estudados artigos publicados pelo Jornal do Consumidor, distribuído pela Prefeitura Municipal.

Resultados

No estágio inicial da pesquisa, foi feito o levantamento dos autores que poderiam contribuir com esse estudo, principalmente os que tratam de interseções propostas no âmbito da história cultural, como a Micro e Ego história. Bases teóricas essas que tem seus expoentes ligados às figuras de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, historiadores que contribuíram para romper com a abordagem tradicional da história e tiveram a preocupação em analisar os fatos históricos dando importância também aos agentes tidos até então como figurantes. São referências também autores como Sandra Pesavento (2004), Maurice Halbwachs (1990), Ecléa Bosi (1979), Jacques Le Goff (2003), Paul Ricoeur (2007) e Maurice Pollak (1992), que publicaram estudos tomando a memória como objeto.

Sobre os fenômenos pós-modernos que ocupam cada vez mais os grandes centros dentro recorreremos aos teóricos John Fridman (1995), Milton Santos (2002), Manuel Castells (1999), Sharon Zukin (2002), Mike Davis (1998), Lineu Castello (2005), Mike Featherstone (1996), Michael Sorkin (2002), Paula Berenstein (2006), Henri-Pierre Jeudy (2005), Saskia Sassen (1991), Marc Augé (2008) e Rose Compans (2004).

Discussão

A verticalização das cidades é um das características dos grandes centros urbanos que tem sua origem na combinação entre crédito, mercado financeiro, títulos imobiliários atraentes para investidores (FIX, 2001) o que faz a produção imobiliária pressionar para que criem condições de acumulação de capitais (HARVEY, 2005). Consequentemente atraindo grandes construtoras, incorporadoras, investidores, obrigando a cidade a tornar-se um *branding* (a cidade marca) e, para isso, ela se vale da estetização e alteração em seus espaços. (JEUDY, 2005)

Sendo assim, quais seriam os motivos que fazem o bairro de Santana manter algumas características que destoam do restante da cidade? A migração mineira em sua formação; a configuração morfológica; o espaço físico, social e cultural ocupado pela igreja católica são algumas das hipóteses a investigar.

A análise de documentos históricos e de um impresso que trata de temas da cidade há pelo menos uma década, podem nos ajudar a construir um arcabouço, para que possamos nos aproximar e explicar as características atípicas desse bairro. Acreditamos que se faz necessário transitar em uma interseção de áreas e disciplinas, para nos cercar de instrumentos eficazes para, no dizer de Certeau (2008), operar essas histórias.

Porém algumas questões são prementes: Será esse bairro um entrave para a especulação imobiliária, pois a lei de zoneamento impossibilita outro modelo de habitação, o que faz com que não exista em seu núcleo prédios? São os moradores agregados uns aos outros responsáveis por essas resistências? Que resistências são essas? Como acontecem? Serão os imóveis do bairro fruto de herança e que por questões jurídicas emperram o processo de alteração na sua morfologia? O que nos diz os impressos oficiais sobre a cidade? Como eles são apropriados pelos moradores? O que há de permanência e rupturas na forma de praticar os espaços do bairro entre 1980 até 2010? A procura pela nostalgia, pelo “jeito mineiro” de ser, faz do bairro um atrativo e dessa forma “congela” seu núcleo? É nessa empreitada que iremos no debruçar no decorrer da pesquisa, cujo tema apresenta-se a esse Congresso.

Conclusão

No início da década de 1980, em tenra infância, as ruas do bairro de Santana eram palco das minhas mais ousadas travessuras. Nelas brincávamos de pau-a-pique, soldadinho de salvar, pé na lata, dentre outras brincadeiras. Já um pouco maior arriscava, junto de outros meninos, entre 13 a 15 anos, de distâncias maiores chegando a ter contato com outros bairros, como a Vargem Grande, a Vila Cândida, a Represa do Jaguari e a Vila Rossi, todos também na Zona Norte de São José dos Campos/ SP.

As “vargens”, como chamávamos a região do banhado¹, eram um dos principais lugares que frequentávamos, atraídos pelas mangas, goiabas, amoras e pela possibilidade de furtarmos momentaneamente os cavalos que ficavam soltos na área de pasto e que nos ofereciam momentos de grande euforia e total aventura. Ali também fazíamos *cabaninhas* e similares. O tempo parecia não passar!

Vida diferente do ritmo dos nossos pais: o tempo dos homens, das máquinas, do trabalho, do cartão de ponto. Essas diferenças de tempo, de lógica - a da criança e a dos adultos - rendiam vários castigos, principalmente físicos.

Realmente, eu pertencia ao mundo, mas parecia que o mundo também era meu. A vida foi seguindo seu rumo, e o tempo já no início de 1990, era outro. Comecei a tomar ciência do tempo dos homens. Com ele, veio o primeiro emprego: balconista de padaria, e junto, a mudança de turno dos estudos. Fui para o curso noturno.

O mundo ia tomando outra forma, outro movimento. Mas ainda assim, ali no bairro de Santana e região, eram comuns as carroças (tira-entulho), os cavalos amarrados às árvores, os armazéns (como o do Brito), que vendiam de tudo: de pinico a pão de sal. Havia naquele lugar um *ethos*, uma maneira de ser que, de alguma forma, embora já mudada, ainda podia ser observada, em suas paisagens, campos, várzeas.

No início dos anos 2000, já formado na universidade e tendo outra relação com a vida e consequentemente com os espaços ao meu redor, comecei a sentir o vazio dos lugares que povoavam minha infância. As “vargens” sumiram, para dar lugar a casas residenciais e prédios. As carroças, agora poucas, possuem uma identificação, emplacadas pela prefeitura. São poucas também as crianças nas ruas a brincar de bola, bandeirinha... O chão do bairro, que outrora era de paralelepípedo, agora é asfaltado; o coreto da praça já não existe mais.

Porém aquele núcleo do bairro ainda resiste. A escola de onde avistávamos o relógio da matriz que na porta central recebe a praça, essa, onde há crianças que agora “brincam” de enviar *torpedos* às outras. Hoje elas fazem parte das comunidades sociais em rede. Vivem na instantaneidade do *facebook* e do *instagram*. São raros os momentos que as vejo brincando de bandeirinhas nas ruas, até porque as ruas não são mais para elas, devido ao grande fluxo de automóveis; elas também não andam mais a cavalo, pois os pastos já não existem mais.

Reconheço que há em mim um tom nostálgico, fruto da memória topográfica², porém lúcido das mudanças irreversíveis do mundo atual. Essas mudanças fizeram com que eu tentasse perceber quais os vestígios e rastros seriam capazes de me *reterritorializar* naquele espaço e ao mesmo tempo procurasse entender como ele sofreu tantas transformações ao ponto de, às vezes, me sentir um forasteiro dentro dele.

Tarefa das mais ousadas responder a essas indagações, o que me motivou a propor essa pesquisa partindo de uma leitura autobiográfica. Essa leitura está associada à análise das transformações da cidade, através de uma perspectiva vinculada à micro história da cidade, tendo como ferramenta a memória social (história oral), os impressos da época, tais como foto, jornais e almanaques.

Para dar conta do proposto, acredito que será necessário congregiar diferentes áreas: da educação; do urbanismo; da antropologia urbana; da literatura e da história.

¹Região imediatamente contígua ao centro urbano de São José dos Campos. Constitui-se em um gigantesco anfiteatro natural que se abre após o declive abrupto, caindo sobre a várzea próxima como uma extensa planície que se alonga até o Rio Paraíba do Sul. Sua área totaliza 4.320.000 m².

² Segundo Willi Bolle (2000, p. 335) em seus estudos sobre Walter Benjamin aponta que “a memória topográfica não visa a reconstrução dos espaços pelos espaços, mas estes são pontos de referência para captar experiências espirituais e sociais”.

Referências

- ANDERSON, P. *Origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- AUGÉ, M. *Não-lugares*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas I.
- _____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas III.
- BERENSTEIN, P. *Corpos e Cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.
- BITTENCOURT, T. M.M. *Peste Branca - arquitetura branca: os sanatórios de tuberculose no Brasil na primeira metade do século vinte*. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. 2000.
- BOLLE, W. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- CASTELLO, L. *Repensando o lugar no Projeto Urbano*. Variações na Percepção de lugar na Virada do Milênio (1985- 2004). Tese de doutorado. UFRGS 2005
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis Vozes, 2008.
- COMPANS, R. *Empreendedorismo Urbano: Entre o Discurso e a Prática*. São Paulo: Unesp, 2004.
- COSTA, S. M. F. *Detecção e avaliação das mudanças na estrutura intra-urbana da cidade de São José dos campos, SP, utilizando dados e técnicas de sensoriamento remoto e geoprocessamento – uma análise multitemporal*. São José dos campos, UNIVAP, 2001. Relatório de Pesquisa (Linha Regular FAPESP).
- Davis, M. 2000. *City of Quartz*. New York: Vintage, 1998.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*, tradução brasileira de Ruy Jungmann, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1990.
- FEATHERSTONE, M. *Localismo, Globalismo e Identidade Cultural*. In: Globalização e Fragmentação. Revista Sociedade e Estado. Volume XI nº 1, Jan/Jun 1996. Brasília: UNB/ Departamento de Sociologia.
- FERREIRA, L. F. *Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo*. In Revista território. Rio de Janeiro, v. 9, p. 65-83 Jul/Dez, 2000.
- FIX, M. *São Paulo cidade global*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.
- FRIEDMANN, J. *"The world city hypothesis"*. Cambridge University Press, 1995.
- GIDDENS, A. *Mundo em descontrolado*. 5ª Ed. Rio de Janeiro, 2006.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GODOI MARIA, M. *Novas formas de ocupação urbana: os loteamentos fechados em São José dos Campos*. Dissertação (Mestrado Planejamento Urbano e Regional). Universidade do vale do Paraíba. São José dos campos, 2008.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice 1990.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Ed. Loyola, São Paulo 11ª Ed. 2002.
- _____. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo. A lógica cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- JEUDY, H. *Espelho das cidades*. São Paulo: Casa da palavra, 2005.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEWIS M. *The City in History* San Diego, Harcourt Inc, 1961.

- MARANHÃO F^o, E. M. A. *A memória como desafio para a história do tempo presente: notas sobre narrativas e traumas*. História Agora, v. 9, p. 1-21, 2010.
- NICOLAS, D. H. *Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na mundialização?*. In: Santos, Milton; Silveira, Maria Laura & Souza, Maria Adelia A. de (orgs.). Território: globalização e fragmentação. São Paulo, Hucitec, 1996.
- LEVI, G. *Sobre a micro-história* In BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas, págs.133-162. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- LIMA, C.; ROSA, M. W. G. *Arquipélagos - Cartografia Afetiva*. 2016. (Projeto aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo na Unidade de Fomento e Difusão da Produção Cultural / PROAC Editais 2015).
- LIMA, C.; Feira do Colonial. São José dos Campos /SP: *Do espaço dado ao lugar praticado*. XV Encontro latino americano de pós-graduação - Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos, 2015.
- LIMA, C., MARQUES, A. *São José dos Campos/SP: aspectos da cidade que se almeja mundial* In: XII Seminário da Red Ibero Americana de Globalização e Território, 2012, Belo Horizonte.
- LIMA, C., ZANETTI, V. *Memória e planejamento urbano: Vila Miguel eras em São José dos Campos (2008-2011)* in: XII Simpósio nacional de geografia urbana ciência e utopia: Belo Horizonte. 2011.
- LYNCH, K. *A Imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OLIVEIRA, J. O. S. Sant'Anna – *São José dos campos – evolução histórica e diretrizes urbanas*. São José dos Campos. Takano Editora Gráfica – SP, 1999.
- PAPALI, M. A. (org). *Histori(cidade)s: um olhar multidisciplinar*. São Paulo: Annablume; São José dos campos: Univap, 2008..
- PESAVENTO, S. *O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado*. História Unisinos, vol. 8, n. 10, jul/dez, 2004, p. 180.
- POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200-212.
- REVEL, J. *Micro análise e construção social. In. Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: EdFGV, 1998, p. 20.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo. Edusp, 2008.
- _____. *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- SANTOS, M. S. *Memória coletiva & teoria social*. São Paulo: Anablume, 2003.
- SORKIN, M.; ZUKIN, S. (eds.). (2002), *After the World Trade Center: rethinking New York*. Nova York/Londres, Routledge.
- SOUSA, A. M.; SOARES, L. L. *Modernidade e urbanismo sanitário: São José dos Campos*. São José dos Campos, SP, 2002.
- SASSEN, S. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton. University Press, 1991)
- SOUZA, A. A. M. *A especialização do lugar. São José dos Campos como centro da tecnologia aeroespacial do país*. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo FLCH - USP. 2008
- TUAN, Y. F. *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio*. Bertand Brasil 1980. São Paulo.
- ZANETTI, V. *Cidade e identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares*. Tese doutorado em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC, 2008.
- ZUKIN, S. *Landscapes of power: from Detroit to Disney World*. Berkeley/Los Angeles, University of California Press,1991.